

RESUMO / ABSTRACT

“HÁLITO DAQUELA FERA QUE ERA O MUNDO, O SOM DO MAR”. UMA VIAGEM À VOLTA DO MUNDO EM UM CONTO DE SCIASCIA

Neste pequeno artigo exploramos as ambiguidades de ponto de vista criadas por Sciascia para representar um mundo opaco em que os personagens aparecem em bloco, sem nomes e rostos, como meros brinquedos manipulados por um narrador onisciente. A escuridão da praia à noite e a impossibilidade de discernir o real da ficção são recursos do escritor para representar a história italiana e do sistema-mundo capitalista.

Palavras-chave: Leonardo Sciascia; ficção e ponto de vista; representação literária.

“HÁLITO DAQUELA FERA QUE ERA O MUNDO, O SOM DO MAR”. A TRIP AROUND THE WORLD IN A SHORT-STORY BY SCIASCIA

In this essay we explore the ambiguities of point of view produced by Sciascia to represent an opaque world where the characters appear in block, without names and faces, as mere playthings manipulated by an omniscient narrator. The darkness of the beach by night and the impossibility of distinguishing the real of the fiction are resources of the writer to represent the history of Italy and of the capitalist world-system.

Keywords: Leonardo Sciascia; fiction and point of view; literary representation.

“HÁLITO DAQUELA FERA QUE ERA O MUNDO, O SOM DO MAR”. UMA VIAGEM À VOLTA DO MUNDO EM UM CONTO DE SCIASCIA

Hermenegildo Bastos

Professor titular de literatura brasileira na Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF
hjbastos@unb.br

Em memória de João Luiz Lafetá, pelo tanto que nos ensinou e o pouco que pudemos aprender.

O conto “A longa viagem” está na coletânea *O mar cor de vinho*¹, organizada pelo próprio Leonardo Sciascia e publicada em 1973, mas reúne contos de épocas diversas. É uma narrativa em terceira pessoa, que representa a tentativa de camponeses sicilianos de realizar o sonho de viver na América. Trata-se de um engodo porque o “agente de viagens”, que deveria conduzi-los de uma praia na Sicília a uma praia nos Estados Unidos, aproveita-se da ingenuidade desses camponeses para tomar-lhes o dinheiro que conseguiram juntar com a venda das últimas poucas coisas de que ainda dispunham. Por fim, depois dalguns dias de “longa viagem”, vão dar em outra praia da Sicília e descobrem enfim a trapaça.

Não apenas foram enganados: deixaram-se enganar, são vítimas e cúmplices. Na verdade passam por uma espécie de ensinamento, que podemos entender como um processo de reconhecimento ou descoberta, no sentido aristotélico de *anagnorisis*.

Mas se isto é assim, não é dito de modo claro no conto. O leitor precisará entender o papel do narrador no conjunto e procurar correlacioná-lo com a história narrada. O que dá valor artístico à narrativa é a fala do narrador, decididamente representado no conto, ou melhor, é a maneira pelo qual o narrador

¹ Trabalhamos com a edição brasileira de Berlendis & Vertecchia Editores, São Paulo, 2001. Doravante indicaremos entre parêntesis a página dessa edição. Consultamos também a segunda edição italiana de 1998, da Adefphi Edizione, de Milano. Doravante indicaremos o número da página da edição brasileira entre parêntesis.

se apropria das falas dos personagens para dar forma a um mundo e uma gente disforme. Em alguns momentos a sua fala se confunde com as falas dos personagens como parte dessa estratégia narrativa.

Um narrador, digamos onisciente. No decorrer da história, porém, podemos ver que esse narrador, em contraste com os personagens que fingem nada saber, é muito mais uma estratégia narrativa, como dissemos, do que uma soberba de quem exhibe suas certezas sobre a vida e o destino. O narrador vê o mundo pelos olhos do personagem. Entre o “nada saber” e o “fingir que nada sabem” há várias nuances, que o narrador explora. Mas há um desconsolo geral e não apenas dos personagens. A viagem narrada confunde-se, então, com o ato de narrar como viagem. No meio de tudo, a viagem que a nada leva porque as personagens permanecem presas daquilo mesmo de que querem fugir. O mundo é reduzido a alguma coisa muito pequena. Uma viagem no espaço num planeta tornado uniforme e sem saída; uma viagem também no tempo. Um planeta que é uniforme mais desigual. A pretensa viagem da Sicília para os Estados Unidos. Não podemos esquecer que a Sicília está no Mediterrâneo e que foi aí que o mundo moderno começou, tendo se consolidado com a expansão para os outros continentes.

A condição de culpa ou conivência dos personagens é agravada pela presença de um leitor interno que tampouco é inocente ou desavisado. No momento mais áspero da conversa do agente de viagens com os camponeses, aquele grita enfurecido: “Mas então vocês não entenderam nada?” A pergunta raivosa refere-se aos tratos da viagem: sendo uma viagem que deveria levar à entrada ilegal nos Estados Unidos, eram todos eles contraventores, deveriam ficar atentos para não serem descobertos pela polícia. Ao mesmo tempo também, a “pergunta” é uma acusação: vocês leitores também fingem nada saber ou não entender o que está ocorrendo, e o que está ocorrendo é uma viagem infernal num mar feroz, que é o mundo, em que somos todos prisioneiros. “Fingir nada saber” será tomado aqui como algo mais sério do que um simples fingimento – tomaremos como um caminho, trilhado mas também evitado e recusado, de descoberta (ou *anagnorisis*).

Desde o início, o leitor pode perceber a referência ao trabalho do escritor. A viagem ocorre à nossa vista, na história e no discurso. Assim, na frase inicial – “Era uma noite que parecia feita sob encomenda (...)” – entendemos uma noite cheia de perigos e maus presságios. Encomendada, sim, para os fins do falso agente de viagens que construiu a viagem e seu fracasso. Mas encomendada também pelo narrador, o que sugere certa identidade entre ele e o agente de viagens. A noite é a noite ficcional feita sob encomenda, isto é, funcional para os efeitos da narrativa. Mas não nos enganemos, não se trata de uma literatura que fala apenas de si mesma, abolido o mundo, mas de uma narrativa que ao falar de si mesma evidencia o trabalho artístico e sua missão no mundo.

Quanto aos personagens, não têm nome. Apenas o “agente de viagens” é o “senhor Melfa”, que assim era ele conhecido pelos aldeãos. As vozes do “agente de viagens” e dos aldeãos vêm entre aspas.

Não se destacam, apenas corroboram a fala do narrador. O mundo representado é uma matéria informe que por isso mesmo pesa. A escuridão da noite numa praia deserta, onde nada se distingue ou se destaca. Quando o senhor Melfa comanda “a bordo”, “cada um dos viajantes tornou-se uma massa disforme, um monte de trouxas”.

Essa condição dos personagens se reflete na relação entre eles e o narrador. Fazem parte da massa disforme o medo, a astúcia, a desistência e uma indisfarçável culpa. O medo e a astúcia são estratégias do reconhecimento.

O mundo é uma fera e a ferocidade está na incapacidade que têm os personagens de discernir o significado daquilo por que passam. Destacar aí alguma coisa será lançar luz ou, em outras palavras, dar forma. Nisto consiste o trabalho do escritor. Este pequeno trecho pode nos dar ideia disso: “Já eram onze horas. Um deles ligou a pequena lanterna, o sinal de que podiam vir para levá-los para o navio. Quando apagou a lanterna, a escuridão pareceu mais densa e assustadora” (p. 34).

A ingenuidade dos personagens revela, como dissemos, alguma culpa, e isto vem a ser um traço da narrativa. Alguns deles, valendo-se de empréstimos para levantar o dinheiro da viagem, pretendiam dar o calote nos agiotas. Do mesmo modo, a vigarice do pretenso agente de viagens, embora não seja atenuada, aparece como mais um dos inúmeros elementos de um engodo que é muito maior do que aquela trapaça. Viajar para os Estados Unidos, que são como uma espécie de eldorado moderno, tentando entrar de modo ilegal no país, e deixando para trás sua terra e sua gente, tudo isso evidencia uma desistência, um conformismo, assim como também alguma conivência. Como lutar? Ou mais: contra o quê exatamente lutar, de que modo e com que armas? Em vez de lutar, seguir o caminho dos parentes que já fizeram a mesma viagem e agora estão felizes nos Estados Unidos? Na ficção de Sciascia não há inocentes. O mundo não se divide em bons e maus, embora caiba a alguns a administração da desgraça geral.

Os Estados Unidos como o eldorado moderno foi estudado por Gramsci sob a rubrica de americanismo e fordismo. Diferentemente do que ocorria nos velhos países da Europa, onde predominavam as “classes parasitárias”, nos Estados Unidos houve um avanço no modo de organizar a economia, sem os entraves da velha Europa, organização que Gramsci chama de “economia planificada”². Países como a Itália tentaram adaptar o americanismo. Mas houve fortes resistências, tanto de setores das classes dominadas, quanto de setores das classes dominantes onde predominavam as “classes parasitárias”. Uma ação decisiva deveria ser a reestruturação demográfica da Itália. Daí a imposição da imigração aos italianos, àqueles mais ligados ao mundo rural.

² Sobre isso, ver Gramsci (2007).

Para Gramsci, o americanismo foi uma tentativa, até certo ponto exitosa, de superar a crise do capitalismo na época. Mas a possibilidade de adaptar o americanismo à Itália, a partir da experiência da FIAT (não é à toa que a primeira coisa que os camponeses do conto de Sciascia identificam, quando enfim descobrem que permaneceram na Itália, foram os carros italianos) não poderia dar resultado devido à velha estrutura do capitalismo europeu. Além disso, mesmo nos Estados Unidos tratava-se de uma medida que, embora tenha ajudado os Estados Unidos a se projetarem como potência central, não poderia de fato resolver as contradições do capitalismo.

O tempo da (longa ou desgraçadamente curta) viagem converte-se em espaço; o espaço, como um jogo que relaciona a praia da Sicília com a praia dos Estados, é na verdade o mundo como espaço tornado único e uniforme – o sistema-mundo capitalista. Como tal, o espaço também se converte em tempo. O tempo do capitalismo, marcado pela existência de grandes massas de desempregados, ou ainda, de grandes massas de inúteis que não têm como alimentar esperanças. No caso do conto, trata-se de homens e mulheres camponeses expelidos de um país da periferia para o país então tornado central. Tempo e espaço, história e geografia, convertidos um no outro. O crescimento do capitalismo só foi possível com a exclusão dessas grandes massas. O que se coloca no conto é a situação que vivem esses personagens frente à possibilidade de se descobrirem como os excluídos, aqueles que, sendo jogados fora, são também os que sustentam o avanço do capitalismo.

O mundo todo, como afirma um dos inúmeros personagens sem nome do conto de Sciascia, é igual. A viagem é longa porque traz os camponeses de volta ao lugar que queriam abandonar e, agora, ainda mais despojados do que antes. Viajar sem sair do lugar, dar voltas em torno do mesmo, um movimento infernal. O mundo é um só, uno e desigual, e uma voz, que pode ser a do narrador mas misturada com a dos personagens, afirma: “(...) o mundo é o mesmo seja onde for, em qualquer lugar o homem derrama no canto a mesma melancolia, a mesma pena” (p. 37). O personagem ganhou consciência, conseguiu ver além da massa disforme?

A história da modernidade vivida na e da periferia – este é o (re)conhecimento a que cabe chegar. Para perceber essa história, entendê-la, será preciso pagar um preço ainda maior do que as duzentas e cinquenta mil liras que cada um deveria dar ao “agente de viagens”. O preço será reconhecer-se o herói de uma história cruel e infame, da qual já não é possível ser apenas a vítima, mas já o agente. Se não se reconhece herói, então se permanece apenas a vítima ou um simples coadjuvante. A estrutura da narrativa literária conflui com a estrutura da História no sentido marxista do termo.

O engano dos camponeses (um personagem coletivo) é o “engano” dos sonhos de modernização e, portanto, é um engano de nações e poderes políticos.

O eldorado, a riqueza existe, mas é cercada, vigiada, para não ser ameaçada. Descobrir isso é na verdade chegar ao entendimento de toda a complexidade capitalista: riqueza e pobreza; desfrute e vigilância; oferta e ameaça. Estas alternâncias comporiam, segundo se pode entender da explanação de Fredric Jameson, a concepção marxista da História como a confluência de felicidade e infelicidade: no *Manifesto* lemos que o capitalismo é ao mesmo tempo o mais produtivo e o mais destrutivo momento da História. Jameson identifica esta ambivalência com a noção aristotélica de peripécia (JAMESON, 2009, p. 562).

Jameson afirma ainda que a *anagnorisis* desempenha um papel central na concepção materialista da história. Deve ser vista como uma questão de completude ou totalização. É um processo por meio do qual ganham visibilidade aquelas multidões de outros, excluídos da história e do ponto de vista oficial.

Uma única pergunta parece, mas só rapidamente, perturbar os objetivos do Senhor Melfa. Um dos aldeãos, sem nome, pergunta quando chegam à praia: “Não tem perigo que seja outro lugar?” (p. 35). “No mar não há estradas nem veredas”, pensa ele. Como na imensidão do mar pode um homem se orientar, saber seguramente para onde e por onde ir? O Senhor Melfa contesta dizendo: “E vocês por acaso já viram, na sua terra, um horizonte como este? Não vêem como brilham estas cidades?”. Os demais concordam com o Senhor Melfa olhando “(...) com compaixão e ressentimento para aquele companheiro que ousara fazer uma pergunta tão idiota” (p. 36).

Se os instrumentos de navegação não existem ou são desconhecidos, o que importa é que é urgente inventar novos instrumentos de navegação e conhecimento e descoberta. A trapaça só importa enquanto caminho para a descoberta, também o autoengano.

O mar é na verdade uma metáfora, o mar que une e separa, o mar onde se escrevem a sangue as rotas de navegação e comércio. O mar tem estradas e aqui a massa disforme da escuridão é atingido por uma luz que é o trabalho mesmo do escritor. Aí é de se notar o papel da linguagem.

O senhor Melfa é caracterizado pela lábia, “mas de cara séria e honesta”. O uso do inglês pelos sicilianos denota a ignorância dos camponeses, mas dá a ver também a concepção da língua (e por extensão da literatura) do escritor. New Jersey e New York são Nugiourisi e Nuovaiorche. Já desembarcados, encontram as placas de sinalização na estrada próxima à praia. E lá estavam os nomes de cidades italianas. Na dúvida, refletem que “(...) o americano não se lê como se escreve” e que “(...) o bom do italiano é isto: você lê como está escrito (...)” (p. 38). Por fim a fraude é patenteada quando eles ouvem a voz de um motorista a quem fizeram parar na estrada, em puro italiano, claro: “(...) bêbados, cornos bêbados, cornos e filhos da (...)”. O narrador acrescenta: “(...) o resto se perdeu na distância” – resto da frase do motorista, mas também o resto da viagem, da esperança, da desistência, da trapaça e do mundo-fera.

A história de uma derrota, a da modernidade siciliana. Derrota que atravessa toda a obra de Sciascia. Mas então, escrever para quê? “A longa viagem” evidencia um sentido aí onde inicialmente há apenas uma massa disforme. Dar a ver o significado histórico de tudo isto que para as pessoas envolvidas parecem apenas fatos desconexos é a missão da arte. Sciascia é um escritor para quem a História não acabou, precisa ser transformada.

O trabalho do escritor é o de dar forma ao disforme, encontrar os nexos onde tudo parece desconexo. O disforme é o mundo comandado pelo dinheiro. O tema da religião e da igreja, como também o da justiça, do legal e do ilegal, sempre presentes na obra de Sciascia, está também aí presente: os aldeãos “(...) guardavam o dinheiro como se fosse um escapulário entre a pele e a camisa. (...) O sonho da América transbordava dólares: não mais o dinheiro guardado na carteira gasta ou escondido entre a camisa e a pele, mas enfiado com displicência nos bolsos da calça, puxado aos montes (...)” (p. 33).

As conexões dão a ver a complexidade da História. Nesse sentido vale a pena retomar o seguinte trecho já citado:

Ouviram, longe e irreal, um canto. “Parece um carroceiro nosso”, pensaram, e que o mundo é o mesmo seja onde for, em qualquer lugar o homem derrama no canto a mesma melancolia, a mesma pena. Mas estavam na América, as cidades que se vislumbravam atrás do horizonte de areia e árvores eram cidades da América (p. 37).

Logo em seguida procuram atenuar a crueza da descoberta. Do ponto de vista do narrador, porém, é o trabalho de encontrar as conexões: abandonamos a Sicília pela América, mas o mundo é o mesmo e também a desolação e a dor. A última frase sai da ironia ferina do narrador: é claro que não estavam na América.

Em “longe e irreal” confundem-se a voz do narrador e a voz dos aldeãos: os dois adjetivos vêm entre “ouviram” e “canto”, o que antecipa a desilusão final.

Desembarcam na suposta praia da América. O senhor Melfa comanda que se dispersem para não serem descobertos pela polícia. Dois deles caminham para uma estrada próxima. Ouvem algo como alguém cantando. Na sequência, estabelece-se mais claramente a dúvida. O canto lembra “um carroceiro nosso”. A distância com que o canto é ouvido é a mesma distância da estrada por onde devem estar passando os carros, mas é também a da língua e da cultura que pensavam ter deixado para trás. “Irreal”, porém, paradoxalmente exprime a realidade mais crua: não é o canto que é irreal, sim a viagem.

Nesse sentido convém ressaltar que o papel do senhor Melfa não é apenas o do trapaceiro, é também o de quem sem pretender ensina. O senhor Melfa não tem consciência de tudo aquilo que está implicado no acontecimento, mas o narrador sim.

Certa identidade pode se estabelecer entre o senhor Melfa e o narrador. Se na história o senhor Melfa faz os aldeãos sicilianos viajarem de uma praia a outra da Sicília com a ilusão de irem para a América; o narrador faz o mesmo no discurso, o que se explica a sua presença dominante. Mas a identidade não vai além disso. Os acontecimentos narrados têm um sentido histórico, sendo a consciência desse sentido que diferencia o narrador do senhor Melfa.

Nesse sentido, convém perceber que o nome Melfa não parece casual aí. Não se trata aqui de procurar o étimo da palavra, pois, como sabe o leitor de Sciascia, a etimologia pode ser um campo de equívocos e engodos. No conto “Filologia”, incluído também em *O mar cor de vinho*, acompanhamos as discussões irônicas a respeito da origem da palavra “máfia”. Ora, a figura do senhor Melfa é sem dúvida a de um mafioso. Ele não é um contraventor qualquer, é alguém que age segundo um plano. Mas é mais que um mafioso, é um agente (não oficial) do Estado.

Há em tudo uma sensação de ameaça, específica sobre os personagens que, além de não conseguirem fugir da situação em que se encontram, devem agora viver ainda mais despojados, inclusive da esperança, mas também disseminada sobre tudo e todos. Impossível viajar, se entendermos por viagem, além do deslocamento no tempo e no espaço, uma mudança. A literatura é, no caso, a viagem propriamente dita porque leva da ignorância ao saber. A questão para esses camponeses é saber o que fazer com o saber novo que a viagem lhes proporcionou.

Impossível viajar? Impossível descobrir? Acreditamos que o conto deixa isso em aberto. Por um lado, o leitor atento forçosamente completará o processo do reconhecimento. Quanto aos personagens, é preciso entender que a narrativa, situada num tempo-espaço específico, entretanto se lança numa dimensão mais ampla. Quem se lembrar do final do conto, lembrar-se-á da perplexidade que toma conta dos personagens. Aonde nos levará essa perplexidade?

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentários e apêndices de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

GRAMSCI, Antonio. “Americanismo e fordismo”. In: _____. *Cadernos do Cárcere*, v. 4, 2ª ed. Organização de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JAMESON, Fredric. *The Valences of Dialectic*. London: Verso, 2009.

SCIASCIA, Leonardo. “A longa viagem”. *In: _____*. *O mar cor de vinho*. Apresentação e tradução de Silvia La Regina. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2001.

_____. “Il lungo viaggio”. *In: SCIASCIA, Leonardo*. *Il mare colore del vino*. Seconda edizione. Milano: Adelphi Edizione S.P.A., 1998.

Recebido em 23 de setembro de 2011

Aprovado em 16 de outubro de 2011